

UMA NOVA ESPÉCIE DE *TROPIDURUS* DO BRASIL (SAURIA, IGUANIDAE)

M. T. RODRIGUES

ABSTRACT

Tropidurus nanuzae, sp. n., is characterized by the presence of a dorsal crest and by the arrangement of the mite pockets; it was found in saxicolous communities at the Serra do Cipó, Minas Gerais, between 1200 and 1480 m. The species is locally syntopic with one from of the *torquatus* species group.

INTRODUÇÃO

Durante os meses de novembro e dezembro de 1979 realizei duas breves excursões à Serra do Cipó para amostrar a fauna herpetológica local e, mais especialmente, tentar obter séries de *Tropidurus* do grupo *torquatus*. Entre os materiais obtidos figura uma amostra de *Tropidurus* que me parece representar uma espécie ainda não descrita.

Tropidurus nanuzae, sp. n.

Holótipo: MZUSP 54869, ♂, Brasil: Minas Gerais: Serra do Cipó, rodovia MG2 Km 109, 25.XI.79, M. T. Rodrigues col., número de campo 79.3116.

Parátipos: MZUSP 54850-54868, 54870-54874, 24-25.XI.79: MZUSP.

54939, 19.XII.79: todos da mesma localidade que o holótipo.

MZUSP 54937, 54938, rodovia MG2 Km 127, 18.XII.79: USNM 213514-213517, rodovia MG2 Km 108-110, 21-31.i.80, R. I. Crombie col.

DIAGNOSE

Tropidurus pequeno, com cauda um pouco mais longa que o corpo. Crista dorsal presente nos dois sexos. Dobra gular ausente. Uma bolsa profunda no pescoço, seguida por uma pré-humeral oblíqua, que lhe fica paralela. Região preanal e face ventral da coxa amarelo-ouro no macho adulto.

DESCRIÇÃO

Rostral ampla, mais larga do que alta, separada da nasal. Escamas do topo da cabeça poligonais, carenadas ou não. Semicírculos supraorbitais bem definidos, algumas ve-

zes interrompidos pelas supraoculares. Estas são imbricadas, dispostas em três ou quatro fileiras longitudinais; as da fileira que toca o semicírculo são maiores, pentagonais, quando muito, duas vezes mais largas do que longas. Cinco ou seis superciliares alongadas, todas lisas e imbricadas. Occipital irregular, geralmente mais longa do que larga; margina-da lateralmente por escamas semelhantes às do topo da cabeça e posteriormente iguais às dorsais.

Canthus rostralis arredondado, formado por uma cantal longa, inserida entre a primeira superciliar e os grânulos post-nasais. Narina arredondada, voltada para a frente; situada na porção posterior de uma nasal pentagonal e entumescida. Duas a quatro fileiras de loreais, carenadas ou não, entre a cantal e as supralabiais. Subocular longa e com quilha bem marcada na porção superior; entre a margem anterior da subocular e à cantal existe uma escama menor, igualmente carenada. Quatro ou cinco supralabiais aumentadas até a altura da porção posterior da subocular, as demais reduzidas. Temporais iguais às dorsais, porém com o mucro menos acentuado. Margem anterior do ouvido com uma franja de três a cinco escamas aciculares, lisas, as superiores por vezes cobrindo a abertura. Escamas do pescoço mucronadas, menores que as dorsais.

Sinfisal hexagonal, quase tão larga quanto longa, muito menor que a rostral; seguida de cada lado por dois pares de post-sinfisais divergentes, caracteristicamente maiores que as gulares adjacentes. Estas se apresentam lisas e ligeiramente imbricadas na porção anterior da garganta, passando posteriormente a mucronadas; 26 a 34 entre a sinfisal e o nível da margem anterior do braço.

Dorsais pentagonais, carenadas, imbricadas e mucronadas; menores nas proximidades das ventrais. Crista dorsal mais pronunciada no macho; formada por escamas aumentadas, quilhadas e imbricadas, da margem posterior da occipital até o início do terço distal da cauda. Trinta e oito a 51 escamas na crista e 54 a 72 dorsais, contadas entre a occipital e o nível da margem posterior da raiz da coxa; 55 a 74 escamas ao redor do meio do corpo.

Ventrais um pouco menores que as dorsais, lisas, dispostas em 37 a 49 fileiras transversais, contadas na linha medio-ventral entre o nível da margem posterior da raiz do braço e o da margem anterior da raiz da coxa.

Membros dorsalmente revestidos por escamas iguais às dorsais, apresentando carenas mais altas no carpo e tarso. Ventralmente, escamas menores e levemente quilhadas no braço, antebraço e perna; na coxa escamas ciclóides, lisas e fortemente imbricadas. Lâmelas infradigitais tricarínadas, 9 a 16 no 4º dedo, 15 a 22 no 4º artelho.

Faces dorsal e laterais da base da cauda com escamas aumentadas, mais largas do que longas, diminuindo progressivamente em tamanho e tornando-se mais alongadas distalmente. Ventralmente a cauda tem escamas lisas na base; as demais são carenadas e mucronadas como na face dorsal.

Uma bolsa lateral profunda no pescoço, obliquamente disposta, seguida por uma pré-humeral paralela, que a ultrapassa ventralmente. Não há bolsas post-humerais ou pré-femorais diferenciadas.

Colorido de fundo castanho-escuro no dorso. De cada lado, corre uma faixa dorso-lateral amarela do olho à raiz da coxa. Uma série de malhas médio-dorsais castanhas, mais largas do que longas, tornando-se obsoletas na base da cauda. Paralela à primeira faixa longitudinal amarela, existe outra, partindo da parte lateral da rostral, passando sob o olho, pelo centro do ouvido e terminando à altura da raiz do braço. Flancos com uma série de malhas verticais enegrecidas sobre fundo amarelo ou alaranjado no macho, acinzentado na fêmea.

Cabeça castanho-claro dorsalmente. Garganta creme nas fêmeas, ferrugem ou amarela no macho adulto; com linhas negras oblíquas dispostas de modo irregular.

Ventre sem manchas, acinzentado na fêmea, com tons amarelados no macho. Face dorsal do braço e da perna com malhas amareladas ou avermelhadas; face ventral das fêmeas cinzento uniforme. Região preanal e face ventral da coxa do macho adulto, amarelo-ouro.

Existem variações quanto ao padrão descrito. Nas fêmeas, as duas faixas longitudinais amarelas podem se apresentar mais pálidas; o colorido de fundo tende, em algumas, para o acinzentado, ficando obsoletas as malhas dorsais.

Esta espécie é dedicada à Dra. Nanuza L. Menezes, do Departamento de Botânica da Universidade de São Paulo, que por anos tem trabalhado sobre as Velloziaceas da Serra do Cipó e que me introduziu à região.

DISCUSSÃO

A característica mais marcante de *Tropidurus nanuzae* é a presença de crista dorsal. Nas formas do gênero com escamas dorsais quilhadas e imbricadas este caráter ocorre no grupo *occipitalis* (sensu Dixon & Wright, 1975) em *T. melanopleurus* e em *Tropidurus spinulosus*, mas não nas espécies do grupo *torquatus* (Vanzolini & Gomes, 1979). Embora menos diferenciada, ela também aparece nas formas do grupo *peruvianus*, que diferem muito de *T. nanuzae* por apresentarem escamas dorsais lisas e justapostas.

Como a sistemática do gênero é muito confusa, incluindo mesmo formas cuja posição não é segura (e. g., *Tropidurus arenarius*), só é possível assinalar as diferenças existentes entre *T. nanuzae* e seus congêneres com dorsais carenadas e imbricadas.

A distinção entre o grupo *occipitalis* e *T. nanuzae* pode ser feita por: (i) Supraoculares largas e em número reduzido no grupo *occipitalis*, mais estreitas e numerosas em *T. nanuzae*; (ii) bolsa lateral do pescoço disposta quase na horizontal no grupo *occipitalis*, oblíqua em *nanuzae*; (iii) região preanal e face ventral da coxa não pigmentada nos machos do grupo *occipitalis*, amarelo-ouro no macho adulto de *T. nanuzae*.

Tomando por base os dados da literatura e da coleção do MZUSP, a localidade de *T. spinulosus* mais próxima da Serra do Cipó e Três Lagoas (20°47'S, 51°44'W) separada daquela por uma distância de aproximadamente 900 km. Uma comparação entre 3 espécimes de *T. spinulosus* daquela localidade e *T. nanuzae* revela as seguintes diferenças (dados do último entre parênteses): escamas na crista dorsal 61-86 (38-51); dorsais 131-137 (54-72); escamas ao redor do meio do corpo 102-114 (55-74); ventrais 70-84 (37-49); gularres 67-79 (26-34). Todos os caracteres foram anotados como já definidos para *T. nanuzae*.

Embora o macho de *T. spinulosus* apresente a região preanal e a face ventral das coxas pigmentadas, há dois caracteres, também presentes em *T. melanopleurus*, que permitem a sua separação imediata, não só de *T. nanuzae*, mas de todas formas do gênero com dorsais quilhadas e imbricadas: (i) franja do ouvido reduzida a um tufo de escamas dispostas irregularmente; (ii) presença de uma dobra gular transversal com extremidades aprofundadas e recobertas por granulos.

Tropidurus nanuzae difere das espécies do grupo *torquatus* por apresentar crista dorsal e pela coloração da região preanal e da face ventral da coxa, negras no segundo.

ECOLOGIA

A Serra do Cipó é parte da porção sul do Sistema do Espinhaço, que se estende a leste do vale do Rio São Francisco desde Ouro Preto até o norte da Bahia. No sopé da serra predominam os cerrados; a partir dos 1000 metros eles vão sendo substituídos, seja brusca, seja gradativamente, por "campos rupestres", reconhecíveis pela abundância maciça das famílias Eriocaulaceae, Velloziaceae e Melastomataceae (Silveira, 1908; Mello-Barreto, 1942).

Na ausência de melhores pontos de referência, os locais de coleta e as altitudes tomadas foram associadas ao quilômetro mais próximo da rodovia MG2, que corta a Serra do Cipó, embora ainda sem traçado definitivo.

Tropidurus nanuzae foi coletado entre os 1200 e os 1480 metros, sempre nos campos rupestres. Embora eu tenha trabalhado no limite superior dos cerrados e em algumas manchas isoladas na parte alta da Serra, não encontrei ali esta forma. A espécie foi sempre encontrada sobre rochas, lado a lado com o representante local do grupo *torquatus*. Observei várias vezes indivíduos das duas formas sobre a mesma pedra e mesmo fugindo para o mesmo abrigo, sem perceber qualquer tipo de interação entre elas. Um espécime de *Tropidurus nanuzae* foi visto quando subia sobre uma Velloziaceae arborescente até aproximadamente 50 cm; outro comendo 5 ou 6 formigas de um ninho recentemente perturbado.

O comportamento termorregulatório é característico e aparentemente semelhante nas duas formas: pela manhã toda a superfície ventral dos lagartos está em contato com a rocha; nas horas mais quentes do dia estão sempre com as patas levantadas e a causa soerguida, evitando o contato com o substrato; no final da tarde voltam a assumir a posição da manhã.

As distribuições de frequência do comprimento do corpo das duas espécies estão representadas no gráfico 1. Os asteriscos na base dos histogramas indicam o comprimento do menor exemplar em que foi constatada atividade reprodutiva, nas fêmeas pela presença de folículos vitelinos e nos machos pela coloração da região preanal e face ventral das coxas.

Parece claro que as diferenças existentes no tamanho do corpo dos adultos, constituem por si só um excelente mecanismo de coexistência, mesmo aqui onde a sintopia estrita é o caso. Os materiais são insuficientes para analisar com segurança as diferenças detectadas no tamanho à maturidade entre os sexos das duas espécies, mas é incontestável que ele é muito maior em *T. torquatus*.

A quase ausência de jovens de *Tropidurus nanuzae* nos informa sobre dois aspectos: (i) a idade adulta é atingida rapidamente nesta população e (ii) a reprodução é estacional.

Durante novembro e dezembro, quando os espécimes foram obtidos, as duas formas estavam em plena estação reprodutiva, evidenciada pela presença de ovos no oviduto e folículos vitelinos. Em seis fêmeas autopsiadas de *T. nanuzae* o número de ovos oviduciais variou de 2 a 3, enquanto em nove de *T. torquatus* o tamanho da ninhada variou de 2 a 5. A presença simultânea de ovos no oviduto e de folículos sofrendo deposição de vitelo no ovário, nas duas formas, nos indica que ao menos duas ninhadas são produzidas.

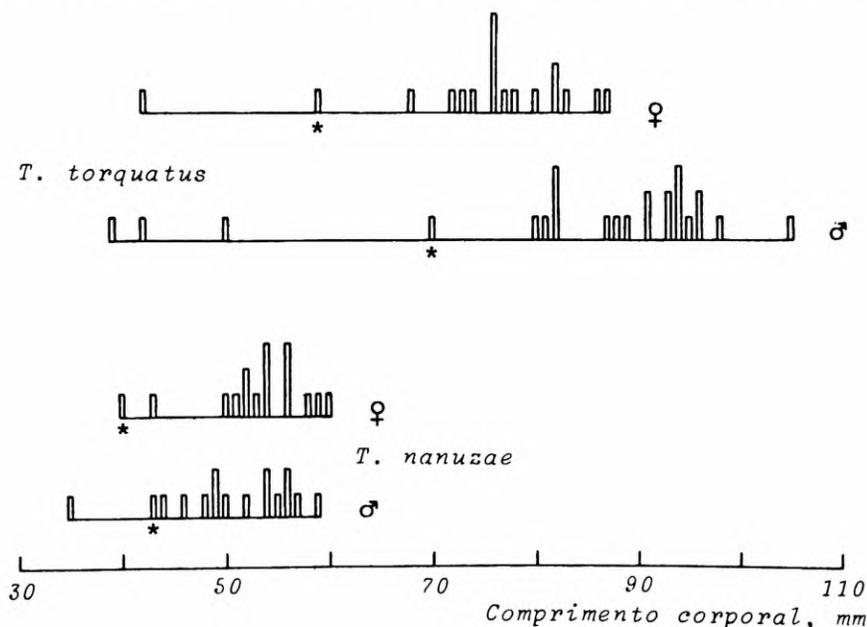


Gráfico 1. Distribuições de frequência do comprimento corporal de *T. nanuzae* e *T. torquatus*.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi realizado durante o período de vigência de uma bolsa de Mestrado I, concedida pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo 04/78-1194. P. E. Vanzolini criticou o manuscrito e contribuiu para a sua melhoria. R. Rebouças-Spieker e N. Gomes leram as várias versões do manuscrito. As coletas na Serra do Cipó teriam sido muito menos rentáveis se não pudesse contar com a valiosa ajuda no campo de N. L. Menezes.

REFERÊNCIAS

- Dixon, J. R. & J. N. Wright, 1975. A review of the lizards of the iguanid genus *Tropidurus* in Peru. Nat. Hist. Mus. Los Angeles Co. Contrib. Sci. 271: 39 p.
- Mello-Barreto, H. L., 1942. Regiões fitogeográficas de Minas Gerais. Belo Horizonte. Publicações do Departamento Geográfico de Minas Gerais 4. 30 p.
- Silveira, A. A., 1908. Flora e serras mineiras. 206 + iii pp, 30 pls. Belo Horizonte: Imprensa Oficial.
- Vanzolini, P. E. & N. Gomes, 1979. On *Tropidurus hygomi*: Redescription, ecological notes, distribution and history (Sauria, Iguanidae). Pap. Avulsos Zool., S. Paulo, 32 (21): 243-259.

